




FERNANDO DE LIGÓRIO  
**FEITIÇARIA TRADICIONAL BRASILEIRA**  
**AS SETE LINHAS FANTASIOSAS**  
**DE QUIMBANDA**

EXCERTO DO LIVRO EM CONSTRUÇÃO  
**SEGREDOS ESPIRITUAIS DA QUIMBANDA**  
FERNANDO DE LIGÓRIO

Em uma sociedade na qual os interditos legais contra a magia constituíam o fundamento da estruturação do campo religioso e principal baliza demarcatória do que não se reconhecia como religião, os intelectuais e dirigentes umbandistas vão ter que assumir uma postura intelectual conciliatória, capaz de fazer da umbanda uma religião, a um só tempo próxima da ética cristã e assumidamente mágica. Neste projeto conciliador e legitimador, haverá o chamamento á literatura mágico-ocultista europeia. Sua presença e citação nos livros doutrinários umbandistas da primeira metade do século XX aparecia como uma procura de «erudição», de superação das práticas mágicas afro-ameríndias.<sup>1</sup>

 a década de 1940, já no *segundo momento* do Culto de Exu no Brasil, a Umbanda procurava uma identidade própria, uma linha de narrativa que a destacasse no cenário religioso brasileiro como uma tradição espiritual conectada ao modernismo e ao cientificismo espírita e que ao mesmo tempo a distanciasse de suas raízes africanas bárbaras e selvagens. Para tal ela contou com o que na época destacavam-se como a elite dos intelectuais umbandistas que tentavam criar uma teologia de Umbanda revigorada, no entanto, mal digerida da leitura de obras ocultistas, teosóficas, filosóficas e científicas. Dentre estes se encontrava Lourenço Braga, de quem muito pouco se sabe além daquilo que ele expõe em suas obras. Duas delas foram importantes para construção no imaginário popular brasileiro de Exu como um agente maligno e da Quimbanda como magia negra no sentido pejorativo de prática religiosa para fazer ou espalhar o mal. Estas obras são OS MISTÉRIOS DA MAGIA (1940) e UMBANDA MAGIA BRANCA E QUIMBANDA MAGIA NEGRA (1942). A primeira (1940) trata-se de um romance onde Lourenço Braga explora misticismo e ética no contexto da magia, elevando a Umbanda a condição de prática espiritual conectada a princípios filosóficos e éticos estritamente espirituais e a Quimbanda a feitiçaria inescrupulosa, decadente e selvagem, fruto de uma genuína herança africana. Braga então apresenta a Umbanda mais alinhada à cultura eurocêntrica escravocrata, refinada e intelectual, e a Quimbanda como um fruto da selvageria animista africana. A segunda (1942), de cunho doutrinal e teológico, a-

---

<sup>1</sup> Artur Cesar Isaia, O UNIVERSO MÁGICO NO ESPIRITISMO DE UMBANDA. Revista Brasileira de História das Religiões. 5(15): 47-60.

presenta as Sete Linhas de Umbanda e de Quimbanda como forças espirituais necessárias ao equilíbrio do cosmos. Estas duas obras de Braga se completam e serviram para criar uma doutrina superficial, fantasiosa e falastrosa acerca da Quimbanda,<sup>2</sup> sua verdadeira história, gênese e ancestralidade, como demonstrado no capítulo *A Tradição de Quimbanda*.

No capítulo *A Tradição de Quimbanda* foram citados os três troncos de Quimbanda no Brasil: Tradicional (advindo dos Candomblés), Cruzado (advindo das Umbandas) e Luciferiano (moderno e misto que agrega noções luciferianas, satanistas e demonológicas). Empenhado em criar uma identidade para Umbanda, Lourenço Braga critica a Quimbanda associando-a ao Candomblé, reforçando o fato de que a Quimbanda Tradicional partiu dos primeiros sacerdotes de Candomblé que começaram a sacrificar para Exus e Pombagiras. Braga associa tanto a Quimbanda quanto o Candomblé a magia negra:

Nessas ocasiões [...] faziam suas reuniões para praticarem a magia, com cânticos, música e rituais, que tinham e têm o nome de Candomblé. Para facilitar a incorporação dos espíritos rodavam, dançavam ou embriagavam-se. Faziam oferendas às entidades espirituais, oferendas essas consequentes das ordens recebidas nos Candomblés, as quais ele chamava de «Cangerê» (despacho, presentes, etc.). Os trabalhos realizados nessas reuniões eram, na maioria das vezes, para exercer vinganças, conquista, domínio, etc., sobre pessoas ou grupos de pessoas, visando um lucro qualquer. Tais reuniões, feitas com o propósito de praticar o mal, eles meso denominavam Quimbanda. Os da raça branca passaram a denominar tais práticas de «magia negra»,<sup>3</sup> por ser ela magia praticada por indivíduos da raça preta, com o fito de fazer o mal.<sup>4</sup>

No imaginário que Lourenço Braga se propõe a criar a magia branca trata-se da Lei de Umbanda, regida por sete forças de luz que ele define como as Sete Linhas de Umbanda. Quase tudo o que o autor se propõe a escrever parte de uma fantasia desastrosa. Por exemplo, seu romance, *OS MISTÉRIOS DA MAGIA*, é ambientado no ano um do Séc. XX, 1900, quando ainda não existia de fato a Umbanda ou a Quimbanda como movimentos religiosos, apenas os Candomblés (Bahia), os últimos vestígios da Cabula (Espírito Santo) e da Macumba (Rio de Janeiro). O protagonista do romance de Braga é o Pai Sátiro,<sup>5</sup> procurado pelo desafortunado Ricardo que, rejeitado por Estela, o procura para *serviços* de feitiçaria. Em detrimento da feitiçaria de Pai Sátiro, Estela enlouquece e seu irmão Marcos cai de sterro em óbito. A narrativa chega a ser pífia: uma família próspera e feliz cai em tragédia pela ação da magia negra. No entanto, como reparação a ação maléfica da feitiçaria de Pai Sátiro entra em cena a Lei de Umbanda que, na prática de magia de luz, reverte toda a situação e restaura a felicidade e prosperidade. Como uma história chinfrim e

---

<sup>2</sup> E também da Umbanda. A superficialidade com que estes intelectuais construíram a teologia umbandista das décadas de 1940, 1950 e 1960 foi fruto das condições sócio-históricas da própria Umbanda.

<sup>3</sup> Aqui Braga associa à raça negra (africana) a prática de magia negra (diabólica), construindo a narrativa de que os negros trouxeram ao Brasil um tipo de prática ritual selvagem e tribal cujo objetivo era prejudicar e disseminar o mal, apartada do exercício espiritual dos brancos, a Umbanda do caminho reto e justo. Isso, a qualquer um que saiba ler, além de racismo, constrói uma visão decadente e deturpada da Quimbanda.

<sup>4</sup> Lourenço Braga, *UMBANDA E QUIMBANDA: UNIFICAÇÃO E PURIFICAÇÃO*. Rio de Janeiro: Spiker, 1961.

<sup>5</sup> Note que o sátiro é a imagem do deus Pã que com chifres e pé de bode, deu origem a iconografia do Diabo.

uma paródia a mente pensante, prosperidade e felicidade são associadas a prática espiritual da Umbanda enquanto que decadência e infelicidade são associadas ao exercício da Quimbanda. É a retratação do velho dilema que se repete desde a Antiguidade na história da magia: teurgia superior contra goécia inferior; magia branca superior contra magia negra inferior; alta magia contra baixa magia. Se fosse um filme, seria o roteiro de uma produção «classe b» da velha história do bem contra o mal.

Para melhor se aproximarem dos irmãos afeitos ao mal, dentro dos ambientes constituídos por eles, resolveram os irmãos componentes das legiões do bem, dividirem-se em grupos ou falanges, por afinidade e tomar as formas humildes de caboclos, de africanos, de sereias, etc., para desse modo, agir melhor e com mais eficiência, porém, sem humilhar aqueles irmãos transviados. Tais práticas são denominadas magia branca ou «Lei de Umbanda».<sup>6</sup>

Pelo que tenho lido e pelo que tenho visto material e espiritualmente, o Espiritismo para o nosso planeta, divide-se em três leis: a lei de Allan Kardec ou Kardecismo, que o Espiritismo científico, filosófico e doutrinário; a lei de Umbanda, ou simplesmente Umbanda, que é a magia branca e, finalmente, a lei de Quimbanda, ou apenas Quimbanda, que é a magia negra, notando-se que a magia branca, sendo a prática do bem, é um espiritismo de fundo religioso, ao passo que a magia negra, feitiçaria ou baixo Espiritismo, é a prática do mal.<sup>7</sup>

Braga então descreve os rituais africanos de herança bantu como resquícios de uma feitiçaria fetichista maligna, hora os classificando como Candomblé, hora como Quimbanda, construindo uma antípoda imaginária contrária ao bem, ao superior, ao erudito, a religião e a ética consubstanciadas no exercício da Umbanda. Construindo um diálogo entre Ricardo e o Exu Gererê, Braga escreve:

A um canto do salão um homem tocava um instrumento conhecido pelo nome de macumba (macumbeiro), fazia correr duas varinhas finas e resistentes, provocando este atrito um som surdo. Do outro lado uma crioula e um mulato, assentados em tamboretas, batiam com as mãos ritmadamente, sobre tambores chamados adufos ou cachambus. Ao fim de alguns minutos, as outras duas mulheres foram sacudidas violentamente, recebendo cada uma delas um espírito. Um deles era da linha dos Caveiras e o outro era da linha de Nagô (Ganga) [...] Imediatamente Pai Sátiro – o feiticiero – recebeu o espírito que chamavam Exu Marabô, seu principal guia e chefe ou dono do terreiro [...].

-É, ê, zi fio, Marabô vai castigá zeles tudo. Cum essees aperparo qui minha burro (médium) mandô suncê trazê eu zi vai fazê os negoço do Matruco (homem) dá pra traz e perdê muito bango (dinheiro); eu zi vai fazê o zi moço ficá sem pudê andá e sua Sunânga (namorada) ficá zi maruca e a dumba muito bango (dinheiro); eu zi vai fazê o zi moço ficá sem pudê andá e sua Sunânga (namorada) ficá zi maruca e a dumba (mulher) mãe da zi nigrinha num vai acontecê nada, zi ela vai é sofrê por zi eles.<sup>8</sup>

As descrições de Braga influenciaram tanto o imaginário popular que ainda hoje é possível ver Exus conversando com esse tipo de linguagem nos terreiros de Umbanda e Quimbanda. As Linhas de Umbanda apresentadas pelo autor são:

---

<sup>6</sup> Lourenço Braga, UMBANDA E QUIMBANDA. Rio de Janeiro: EDC, [s.d]. [1941].

<sup>7</sup> Lourenço Braga, OS MISTÉRIOS DA MAGIA. Rio de Janeiro: Biblioteca Espiritualista Brasileira, 1957.

<sup>8</sup> Idem.

<b>Linha</b>	<b>Legião</b>	<b>Chefe de Legião</b>
Oxalá	Legião de Santo Antônio	Santo Antônio
	Legião de São Cosme e São Damião	São Cosme e São Damião
	Legião de Santa Rita	Santa Rita
	Legião de Santa Catarina	Santa Catarina
	Legião de Santo Expedito	Santo Expedito
	Legião de São Benedito	São Benedito
	Legião de São Francisco de Assis	São Francisco de Assis
Iemanjá	Legião das Sereias	Oxum
	Legião das Ondinas	Nanã Buruquê
	Legião das Caboclas do Mar	Indaiá
	Legião das Caboclas dos Rios	Iara
	Legião dos Marinheiros	Tarimá
	Legião dos Calungas	Calunguinha
	Legião da Estrela Guia	Santa Maria Madalena
Oriente	Legião dos Hindus	Zartu
	Legião dos Médicos e Cientistas	José de Arimatéia
	Legião dos Arabes e Marroquinos	Jimbaruê
	Legião dos Japoneses, Chineses e Mongóis	Ori do Oriente
	Legião dos Egípcios, Astecas e Incas	Inhoarairi
	Legião dos Índios Caraibas	Itaraiaci
	Legião dos Gauleses, Romanos e outras raças Européias	Marcus I
Xangô	Legião de Iansã	Santa Bárbara
	Legião do Caboclo do Sol e da Lua	Caboclo do Sol e da Lua
	Legião do Caboclo da Pedra Branca	Caboclo da Pedra Branca
	Legião do Caboclo do Vento	Caboclo Ventania
	Legião do Caboclo das Cachoeiras	Caboclo Cachoeirinha
	Legião do Caboclo Treme Terra	Caboclo Treme-Terra
	Legião dos Pretos Velhos	Quenguelê
Oxóssi	Legião de Urubatão	Caboclo Urubatão da Guia
	Legião de Araribóia	Caboclo Araribóia
	Legião do Caboclo das 7 Encruzilhadas	Caboclo das 7 Encruzilhadas
	Legião dos Peles Vermelhas	Caboclo Águia Branca
	Legião dos Tamoios	Caboclo Grajaúna
	Legião dos Guaranis	Caboclo Araúna
Ogum	Legião da Cabocla Jurema	Cabocla Jurema
	Legião do Povo do Mar	Ogum Beira Mar

	Legião do Povo dos Rios	Ogum Iara
	Legião do Povo das Matas	Ogum Rompe Mato
	Legião do Povo Africano	Ogum Megê
	Legião dos Escravos de várias raças	Ogum Naruê
	Legião do Povo de Exu	Ogum Malei
	Legião do Povo de Nagô	Ogum Nagô
Africana	Legião do Povo da Costa	Pai Cabinda
	Legião do Povo do Congo	Pai Congo
	Legião do Povo de Angola	Pai José
	Legião do Povo de Benguela	Pai Benguela
	Legião do Povo de Luanda	Pai Francisco
	Legião do Povo de Guiné	Zum Guiné
	Legião do Povo de Moçambique	Pai Jerônimo

As Sete Linhas de Quimbanda, continuando nas elucubrações fantasiosas de Lourenço Braga, são:

1. **Linha Malei:** Chefiada por Exu rei das Sete Encruzilhadas e Pombagira Rainha das Sete Encluzilhadas.
2. **Linha das Almas:** Chefiada por Exu Omolu e Pombagira das Almas.
3. **Linha do Cemitério (Caveiras):** Chefiada por Exu Tatá Caveira e Pombagira Rainha dos Cemitérios.
4. **Linha Nagô:** Chefiada por Exu Gererê e Pombagira Maria de Padilha.
5. **Linha Mossorubi:** Chefiada por Exu Kaminaloá e Pombagira Maria Mulambo.
6. **Linha dos Caboclos Quimbandeiros:** Chefiada por exu Pantera Negra e Pombagira da Figueira.
7. **Linha Mista:** Chefiada por Exu dos Rios.

Lourenço Braga estabelece uma comunhão/interligação/conexão entre as Linhas de Umbanda e Quimbanda, sugerindo um torpe equilíbrio cosmológico e cosmogônico. O que é interessante notar nisso? É que assumir a visão de Lourenço Braga, em qualquer templo ou terreiro de Quimbanda, é não somente assumir uma cosmovisão umbandista-cristã para Quimbanda, mas também uma subserviência dos Exus aos Òrìṣàs da cultura yorubá sincretizados com os santos e a cosmovisão cristã. Uma Quimbanda que aceita essa visão torpe de Sete Linha criada por Braga trata-se de uma Quimbanda aleijada, que foge de suas Raízes e de sua ancestralidade. Como estudamos no capítulo *A Tradição de Quimbanda*, a ancestralidade da Quimbanda é alimentada por espíritos que não aceitaram em vida a catequese cristã; almas de feiticeiros africanos, xamãs ameríndios e bruxas europeias avessas e opostas a doutrina cristã. Uma Quimbanda que aceita as Sete Linhas de Lou-

renço Braga é uma Quimbanda deturpada, subserviente a chancela de Jesus Cristo e ao eurocentrismo escravocrata europeu.

Eu fiz questão de colocar todas as associações que Braga faz das Sete Linhas de Umbanda com os santos cristãos para demonstrar não apenas o sincretismo limitante ao qual o autor estava agrilhado, mas a decadência de associar os Exus da Quimbanda aos Òrìṣàs e aos santos católicos nas conexões que ele mesmo estabelece em suas obras. Ele é taxativo ao equiparar Exu a todo tipo de diabolismo e transgressão ética. Em sua obra, TRABALHOS DE UMBANDA E MAGIA PRÁTICA (1956), Braga reendossa o diabolismo de Exu descrevendo suas Legiões como demônios bestiais egoístas, interesseiros, ardilosos e vingativos.<sup>9</sup> Desconhecendo completamente a verdadeira ação evolutiva de Exu na alma de seus adeptos, na deificação de suas almas, Braga descreve que a única saída à extinção total da prática da magia negra (feitiçaria-kimbanda) seria a adesão ao caminho evolucionista-darwiniano (ou lei espírita do progresso contínuo) da Umbanda espírita-cristianizada:

Com o progresso da terra, a tendência do mal vai diminuindo, até a chegar a desaparecer definitivamente. Com esse nosso progresso, arrastaremos também aqueles irmãos quimbandeiros e, com eles, o seu supremo chefe que, um dia, já cansado de sofrer e de praticar o mal, se arrependerá e será, por São Miguel Arcanjo, encaminhado na senda do progresso espiritual.<sup>10</sup>

Como vimos no capítulo sobre os Poderosos Mortos, a deificação da alma na Quimbanda não está associada a nenhum tipo de redenção cristista, mas na alquimia espiritual do conhecimento e conversação com o Exu Tutelar. Na Quimbanda Exu é Rei; na Quimbanda é Exu o Portador da Luz, o archote luciférico da iluminação espiritual. O *supremo chefe* referido por Braga é o próprio Diabo personificado como Exu.

Em uma reflexão no site Filosofia Oculta, *Quimbanda não trata a Cabeça* (entrada de 22/4/2020), salientei que a feitiçaria tradicional brasileira (a Quimbanda), diferente do Culto aos Òrìṣàs (Iṣeṣe Lagba e Candomblés diversos), não trata a cabeça (Orí). Na tradição do Culto aos Òrìṣàs, tratar do Orí é uma prática fundamental a deificação da alma. Na Quimbanda, no entanto, *Exu é Rei*. Isso significa que no momento da iniciação, o Exu Tutelar do adepto assume sua coroa para conduzir todo o seu processo evolutivo. Na postagem em questão, quando disse a frase *Exu é corpo, não cabeça*, utilizei essa ideia – fazendo uso de um conhecimento da cultura yorubá – para fazer entender que no Culto de Exu não há tratamento de Orí. Também salientei que: *na tradição de Quimbanda, a feitiçaria tradicional brasileira, o método de deificação da alma não é o tratamento da cabeça, mas 1. o conhecimento e conversação com os Poderosos Mortos, através do qual o adepto refina sua alma e; 2. por meio do sacrifício propiciatório aos Poderosos Mortos.*

---

<sup>9</sup> Observando a dinâmica dos escritos de Lourenço Braga e Aluizio Fontanelle, fica nítida a influência que um tinha sobre o outro e vice versa. Antes de Fontanelle Braga não é tão taxativo no diabolismo iconográfico dos Exus, mas após a obra de Fontanelle, EXU, de 1951, Braga torna-se mais incisivo na forma de apresentar Exu como diabólico e demoníaco.

<sup>10</sup> Lourenço Braga, UMBANDA E QUIMBANDA: UNIFICAÇÃO E PURIFICAÇÃO. Rio de Janeiro: Spiker, 1961.

Na iniciação na tradição de Quimbanda, quando o Exu Tutelar assume a condução do Destino do adepto, sua coroa, inicia-se um poderoso processo de alquimia espiritual. A ignição deste processo é o *primeiro* sacrifício propiciatório feito ao Exu Tutelar dentro de seu assentamento. O selamento do compromisso alquímico-espiritual de ambos ocorre no rito das marcas iniciáticas, quando gotas do sangue do adepto também são derramadas dentro do assentamento. Neste momento cria-se uma aliança, um *Pacto com o Diabo*.

A palavra *Diabo* usada aqui é romântica. A Quimbanda, os Exus e Pombagiras, herdaram da feitiçaria ibérica e demonologia europeia sua iconografia diabólica, bem como a ideia ou posição teosófica e filosófica de opositora e adversária aos cultos escravocratas, fundamentalmente o cristianismo.

O Exu Tutelar através da chancela iniciática da Cerimônia de Iniciação passa a zelar pela evolução e deificação da alma do feiticeiro-kimbanda. Inicia-se um profundo processo de purificação e transformação espiritual onde medos infundados são eliminados através de uma alquimia predatória, transformando o adepto em um predador de si mesmo, de suas fobias internas, traumas, psicoses, vícios e hábitos nocivos. A maior parte de nosso lixo interior vem de um estilo de vida consumista, exteriorizado e deslumbrado. Exu nos faz lembrar de nós mesmos direcionando nosso olhar para dentro na intenção de enfrentarmos e devorarmos nossas mazelas interiores, o lixo que carregamos guardado sob o tapete de nossas consciências. Exu exerce uma qualidade mercurial de movimento e velocidade, rompendo a estagnação preguiçosa com a qual dirigimos nossas mentes, emoções e ações. O estilo de vida degradante, alucinante e terrivelmente consumista da cultura moderna ocidental nos torna fracos, mansos e débeis; somos presas de nossa obscuridade interior. A boa Quimbanda se opõe a isso.

Na escuridão da Cáfua/Templo, quando o caldeirão arde em chamas frente ao *Diabo Pessoal*, o feiticeiro-kimbanda se lança de encontro a sua ignorância espiritual. Trata-se de um processo meditativo no Culto de Exu *onde se apanha em casa para não apanhar na rua*, frase que indica o doloroso processo escorpiónico de transformação e transmutação alquímica do lixo interior.

Em nossa boa Quimbanda o adepto se esforça em uma disciplina espiritual que envolve *dhyāna* (meditação) e *samādhi* (conjunção) com as forças e poderes de Exu na intenção de promover a alquimia interior e deificação da alma. A conquista desta prática é o *envolvimento da capa de Exu*, que transforma toda estrutura e composição da alma do feiticeiro-kimbanda.

Nós entendemos que a boa Quimbanda é mística e mágica, diferente de outras linhas que observam e destacam somente o valor mágico da tradição. Nós entendemos a Quimbanda como uma genuína tradição iniciática que leva o feiticeiro da obscuridade e ignorância interior ao estado de maestria desperta da Luz de Lúcifer. Portanto, em nosso trabalho misticismo (alquimia e transformação da alma) e magia (taumaturgia na Natureza) caminham de mãos dadas.

Tornar-se um feiticeiro-kimbanda, portanto, é sair da condição de *presa* de si mesmo para a condição de *predador* si mesmo. Como *presa* de si mesmo há uma constante condição de escravidão e servidão. Essa servidão interior se estende ao exterior, tornando homens e mulheres em pessoas doentes, vulneráveis e fracas desprovidas de honra. Ao tornar-se um *predador* de si mesmo, o homem deixa de ser cativo e dependente de seus vícios, medos e ansiedades. Exu é Rei! No seu reinado ele nos ensina a desenvolver a Força e a Honra que capacitará as nossas almas serem admitidas as Legiões de V.S. Maioral de Quimbanda.

Como uma tradição opositora, existe na Quimbanda um constante estado de guerra interna e externa. A guerra interna consiste em vencer a nossa fraqueza, escravidão e ignorância interior; a guerra externa consiste em vencer a condição de *presa social*, a deriva nos mares de nossa cultura moderna ocidental, deixando de sermos cordeiros para nos tornarmos Lobos da alcateia de Maioral.

Está claro que na Quimbanda não existe o trato do Orí como praticado no Culto aos Òrìṣàṣ. O Orí é um elemento central para deificação da alma no Culto aos Òrìṣàṣ e como tal, não ganha destaque na tradição de Quimbanda. Na tradição de Quimbanda é o conhecimento e a conversação com os Exus e Pombagiras o mecanismo fundamental para deificação da alma. Para finalizar nosso aprofundamento, vou tecer mais algumas considerações sobre a deificação da alma na Quimbanda e o Orí da cultura yorubá.

Grosso modo, o Orí é a *própria existência humana* e como tal, a primeira divindade a ser cultuada, a cabeça. O Orí é a manifestação do homem e não há nada que se faça *na terra* sem a permissão do Orí, senhor do destino. *Não se faz nada sem que a cabeça permita e saiba*. Se na Quimbanda nós cultuamos Exus e Pombagiras, almas ancestrais divinizadas, os *irunmalés*<sup>11</sup> (almas ancestrais enterradas na terra), por consequência estamos cultuando Orí, pois os convocamos para nos ajudar nos *caminhos da existência humana*.

O ritual de alimentar a cabeça, portanto, não existe na tradição da Quimbanda como no Culto aos Òrìṣàṣ; na Quimbanda, de outro modo, no conhecimento e conversação com o Exu Tutelar, trata-se do Orí por extensão. Um exemplo prático: se o Exu Tutelar pede uma oferenda na encruzilhada para a abertura do caminho sobre uma decisão importante a ser tomada, o ato de despachar a oferenda alimenta a terra na intenção da terra devolver essa oferenda na forma de abertura de caminhos para a tomada da decisão. O ato de decidir, de conduzir ao destino escolhido, está dos domínios de Orí. Então é possível perceber que na alquimia sutil produzida pelo conhecimento e conversação com o Exu Tutelar também se cultua o Orí.

*Ihuwa*, por outro lado, é o *comportamento adequado*, o *caráter* a ser desenvolvido no *caminho*, que está atrelado ao destino a ser seguido. Na Quimbanda, Exu é o guia do destino e senhor dos caminhos do feiticeiro. Ao cultivar Exu pedindo-lhe encaminhamento ou desenvolvimento espiritual (com-

---

<sup>11</sup> Irunmalés são todos os moradores do Orún, todos os encantados da natureza; também os Exus e Pombagiras, os Odus, os Babá Egúns e as Iyamís.



portamento adequado e caráter) no caminho para o cumprimento do destino, por extensão cultua-se o Orí.

Outro exemplo prático: se o adepto está com problemas de mediunidade que atrapalham a incorporação do Exu Tutelar, este pode recomendar um banho propiciatório (quer dizer, um banho preparado, consagrado e rezado na força do Exu) para abertura ou desenvolvimento mediúnico. Este banho vai na cabeça, equalizando o Orí do feiticeiro com o Orí do Exu.

Em outras palavras, o conhecimento e a conversação com o Exu Tutelar na Quimbanda trata-se de um culto ao Orí.

Na Quimbanda Luciferiana existe o conceito filosófico e teosófico de Lúcifer, que substitui a ideia de Orí. Como o *Portador da Luz* (lux + ferres) ou *Aquele que Ilumina* (lux + ferros) na morfologia latina ou o *Condutor da Luz* (*eosforos*) na morfologia grega, Lúcifer é aquele que ilumina os caminhos do adepto, conduzindo-o a realização de seu destino. Ele é aquele que inflama a aspiração alquímica na alma do feiticeiro-kimbanda, conduzindo-o ao caminho da Gnose. O fogo que Lúcifer desperta é de duas vias, interna e externa. Na via interna ele nos conduz a sabedoria, na via externa ele desperta o espírito opositor (satânico) contra as amarras escravocratas da cultura ocidental moderna. No processo de deificação na Quimbanda Luciferiana, ele é o *Archote* libertador da alma, conduzindo-a a libertação das amarras que a prendem na matéria.

Então Lourenço Braga desconhecia completamente a Quimbanda, construindo em suas elucubrações fantasias que são seguidas até os dias de hoje. Autores como Braga e Fontanelle não apenas prestaram um desserviço a Quimbanda, mas também a tradição de Umbanda, como muitos autores hoje reconhecem.<sup>12</sup> Levar adiante essa ideia descabida e ridícula das Sete Linhas de Quimbanda não é apenas coadunar e fazer um pacto com o espírito da burrice e da ignorância espiritual, mas também fechar os olhos a herança ancestral da Quimbanda. Exu que desce baseado nas Sete Linhas de Quimbanda não é Exu, é Quiumba.

Ζητει Μυστηρια

---

<sup>12</sup> Veja Diamantino Trindade, *A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA LITERATURA UMBANDISTA*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2010, p. 48.

© 2020 Fernando Liguori

<https://www.filosofiaoculta.com/>  
srikulacara@gmail.com

Publicação registrada sob o nº 546.785 no *Escritório de Direitos Autorais* do Ministério da Cultura/Biblioteca Nacional.

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste documento pode ser utilizado ou reproduzido – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriado ou estocado em sistema de banco de dados ou mídia eletrônica, sem a expressa autorização do autor.